

«O que há precisamente de trágico no mundo dos nossos dias é a ausência de indignação moral contra as infracções das leis da honestidade».

FULTON SHEEN

A Voz de Loulé

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

ANO XXVI 23-2-1978
(Preço avulso: 5\$00)

N.º 663

Composição e Impressão
«GRÁFICA FDIUORA»
Av. João Ferreira da Maia, 20
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO
José Maria da Piedade Barras

Redacção e Administração
GRÁFICA LOULETANA
Rua Marechal Gomes da Costa
LOULÉ
Telef. 6 25 36

NÃO É PROIBIDO PENSAR NO «DIREITO À FELICIDADE»

Parecerá um devaneio, talvez, o fazer-se aqui menção ao «direito à felicidade», pelo que se aventa o estádio ou estatuto mais avançado a que as sociedades e os indivíduos, ontologicamente, aspiram e procuram atingir.

Possivelmente, para muita gente que coloca o simples conceito de «felicidade» em termos absolutos e nos

IV TORNEIO INTERNACIONAL DO CARNAVAL DA MARINA DE VILAMOURA

Ao largo da Marina de Vilamoura disputou-se durante a quadra carnavalesca, com excelentes condições de tempo o IV Torneio Internacional do Algarve, que contou com a organização do CIMAU (Clube International da Marina de Vilamoura e colaboração de alguns elementos afetos às actividades náuticas e com a Marinha Portuguesa e Força Aérea, que montaram sistemas de segurança.

As classes admitidas ao certame abrangeram 470, snipe, 420, finn, vaurien, laser, europe e optimist.

Ao todo concorreram 150 embarcações.

(continua na pág. 4)

domínios vagos do onírico, parecerá até uma impensável quimera.

Não declarou ainda, não há muito, o Prof. Muntaz Soysol, galardoado com o Prémio Nobel da Paz, que mais de uma centena de países desrespeitam os direitos humanos?

E tão certo quanto, em «último ratio» (último argumento), já se concluiu que o «direito à felicidade» passa primeiro pelo respeito e acatamento dos «direitos humanos», que continuam, como é destrinchável, em posição subalterna ou postergada em muitas regiões do globo, imolados

(continua na pág. 4)

RECEITAS DO CARNAVAL

Devido ao enorme volume de ingressos nos recintos onde decorreram as festas do Carnaval de Loulé, que chegaram a ultrapassar as previsões mais optimistas, as receitas angariadas, durante o período abrangido pelas mesmas, atingiram em números redondos a casa dos 1790 contos.

Paralelamente, as receitas obtidas foram as seguintes:

Dia 5 (domingo), 620 contos; dia 6, 139 contos e dia 7 (Entrudo), 530 contos. A receita dos bailes, no «Palácio do Trigo», foi de cerca de 500 contos.

Como se pode verificar, estes números dão uma ideia da grande afluência, até agora a maior de sempre em festivais desta natureza.

SÃO INCRÍVEIS E DEPRIMENTES AS CONDIÇÕES EM QUE FUNCIONA a Escola Preparatória de Loulé

(continuação do número anterior)

Claro que essa hipótese foi repudiada desde logo pela Comissão Directiva, porque temos só de aceitar

que as crianças do campo estão perfeitamente em pé de igualdade com as crianças da Vila. Não podíamos admitir, assim, que num possível dia de chuva uma criança do campo fosse surpreendida às 10 horas molhada e à espera de camionete até às 5 da

tarde para ter pouco antes, somente,

Decidimos que só começarmos as aulas quando as mínimas condições de rentabilidade do ensino pudesse ser ministradas. Estabelecemos, entretanto um número mínimo de professores.

(continua na pág. 5)

MOINHOS DE VENTO...

E NOVAS FONTES DE ENERGIA

Aqui e além, bem na crista de muitos outeiros e montes, fora dos centros habitacionais, ainda se enxergam as silhuetas decréticas e solitárias de velhos moinhos de vento, que os motores de explosão e eléctricos, grandes alavancas da revolução industrial dos séculos XIX e XX, destronaram e relegaram ao abandono.

Jazem agora, velhas carcaças arruinadas, desde há muito entregues às intempéries e turbulências do tempo... Contudo, ainda assim, sem quaisquer ornatos que os recomendem, parecem mudos e resignados mensageiros de épocas em que a sua vida era animada pelo sopro da operosidade, quando, de velas aparelhadas e enfundadas pelo vento, estas faziam girar as mós, triturando o grão, transformando-o em farinha...

Hoje, considerando bem a solidade que as envolve, parecem carpir saudades e evocar histórias antigas.



que já ninguém é capaz de acompanhar.

Talvez apenas por comiseração às veneráveis sagas de cavalaria andante

(continua na pág. 4)

«É tempo de reeditar e dar a conhecer esse raro e precioso património cultural da província algarvia»

— DISCORRE A DR.ª IDÁLIA FARINHA CUSTÓDIO

Na senda promovida por este jornal, que consiste em divulgar opiniões atinentes ao vulto e obra literária do Dr. Ataíde Oliveira, de um grupo de personalidades algarvias de reputada craveira intelectual, toma

desta vez lugar a entrevista concedida pela Dr.ª IDÁLIA FARINHA CUSTÓDIO, que dentro da nossa co-

lectânea de sondagem ocupa a 6.ª edição.

(continua na pág. 4)

Reunião em Loulé dos Bombeiros do Algarve

ontem (VER PÁGINA 5)

O povo angolano está «inconformado por verificar que aos antigos patrões se succederam novos patrões, dominadores — a camarilha social-fascista cubano-soviética, que tudo pilha, tudo rouba e transporta despudoradamente para os seus países de origem com a benção do MPLA» — afirma a UNITA, em comunicado. A presença cubana «longe de ser benéfica, está a precipitar todos os acontecimentos», conduzindo ao «levantamento de uma insurreição popular».



Rescaldo do Carnaval de Loulé

(continuação da pág. 1)

vor tempo magnífico, que muito nos ajudou. Aliado a isso, o público, como antes frisei, correspondeu da melhor maneira possível.

V. Loulé — Em quanto é que se estima no domingo de Carnaval, que acusou a maior enchente, o número aproximado de pessoas existentes no recinto do desfile?

I. Floro — É difícil precisar, mas deve ter ultrapassado as 50 mil pessoas.

V. Loulé — Quais as suas impressões sobre o mini-samba brasileiro?

I. Floro — Na minha opinião considero essa atracção um arranque auspicioso que serviu para dar a ideia de que essa inovação deve existir integrada no nosso Carnaval. Embora não seja aquilo que por lá se faz com grande alarde, acho que foi excelente a participação de Mister Gazolina mais os seus mini-sambistas e ritmistas, os quais proporcionaram maior vivacidade e animação ao nosso festival.

V. Loulé — E os restantes grupos, como os «Sempre-Prontos» e as «fanfarras»?

I. Floro — Toda a participação dos «Sempre-Prontos» e das «fanfarras» foi preciosa e contribuiu de forma significativa para o brilhantismo do desfile.

Há a assinalar uns pequenos abusos, uns poucos acidentes, devidos a certos pulverizadores de água. Nós proibimos isso mas, infelizmente, não fomos quanto a esse pormenor ajudados.

V. Loulé — No tocante à representação de Ayamonte, que nos diz?

I. Floro — Sem dúvida que foi muito valiosa a sua participação, embora tenha chegado um bocadinho atrasada na segunda-feira. Esta repre-

sentação não estava porém habituada às «brincadeiras» abusivas da água, que era demasiada.

V. Loulé — No respeitante aos bailes, como se saíram no «Palácio do Trigo»?

I. Floro — Os bailes foram excepcionalmente animados e decorreram com uma coreção digna de encômios. O único policiamento, contudo, que havia lá dentro era constituído por dois ou três membros da comissão, incluindo o presidente da Câmara, que até fechou a porta todas as noites.

Conforme estava programado houve vários concursos que o público

aceitou e aplaudiu lindamente e com visível satisfação.

V. Loulé — Quanto às tripulações pareceu-nos premissa a sua colaboração. Como a encara em termos de achega?

I. Floro — Felizmente foi uma coroa de glória, que tem raízes e tradições antigas no nosso Carnaval. O reaparecimento das tripulações a cargo de várias famílias e casais, infundiu um suplementar brilho ao desfile de carros alegóricos.

Esperamos que para o ano a colaboração dessas pessoas se mantenha e seja até mais expressiva em adesões.

IV Torneio Internacional do Carnaval da Marina de Vilamoura

(continuação da pág. 1)

cações com cerca de 250 velejadores.

As regatas denotaram boa competitividade, tendo sido seguidas por numeroso e interessado público.

As classificações finais mais destacadas são as seguintes:

CLASSE 470 — 21 concorrentes — 25 inscritos:

1 — Francisco Lufinha — AN de Lisboa; 2 — João Pedro Cascais — CN de Cascais; 3 — Jorge Vzzone — AN de Lisboa; 4 — Alfonso G. Ybarra — CPMU (Espanha); 5 — Joaquim Ramada — CV do Barreiro; 17 — Miguel A. Alvela — CN de Sevilha; 20 — Fernando Gonzalo — CPMU (Espanha); 21 — José J. Serra Estrada — CN de Sevilha.

CLASSE EUROPE — 8 concorrentes — 12 inscritos:

1 — Carlos Oliveira — CO de Lisboa; 2 — Luís Leal de Faria — CN de Lisboa; 3 — Mário Lourenço — GCN de Faro; 4 — Francisco Casaca — SA e Dafundo; 5 — Jese Penaforte Costa — CN de Lisboa.

CLASSE LASER — 11 concorrentes — 15 inscritos:

1 — Manuel Champalimaud — CIMAV; 2 — Francisco M. Monteiro — AN de Lisboa; 3 — Jaime Domingos — CN de Cascais; 4 — Maria Henriqueta Reis — CN de Cascais; 5 — Mario Gentil de Quina — CN de Cascais.

CLASSE OPTIMIST — 39 concorrentes:

1 — Luís Lopez Fernandez — CAN de Sevilha; 2 — Luis Galnares Lamadrid — CN de Sevilha; 3 — Bruno Marques — CN de Cascais; 4 — Álvaro Barreiro Gutierrez — CANE de Sevilha; 5 — Vasco Ruben Domingos — CN de Cascais; 6 — Pablo Lamadrid Rodriguez — CN de Sevilha; 9 — Cesar Torne — Panjon; 10 — Manuel Cardero Aabares — Panjon. 11 — Fernando Lamadrid Rodriguez — CN de Sevilha; 12 — Bonja Melgarejo — CN de Sevilha; 14 — António Puig del Campo — M Bayona; 18 — José Dourado Amarelo — Bouzas; 39 — Marta Dourado Amarelo — Bouzas.

Estavam inscritos 44.

Estas provas náuticas despertaram muito interesse e tiveram larga assistência de público, ao qual a Marinha de guerra proporcionou agradáveis passeios a acompanhar a regata.

A falta de vento prejudicou algumas provas, as quais decorreram em um tempo verdadeiramente primaveril.

Bento & Lampreia, Ida.

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 5 do corrente mês, lavrada a fls. 78 do meu respetivo livro de notas n.º A-106, o sócio da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada em epígrafe, com sede na vila e freguesia de Quarreira, concelho de Loulé, José Lampreia Carvalho, cedeu a quota que tinha naquela sociedade a Ana Maria Rocha Alambre Bento, renunciou à gerência e autorizou que o seu apelido continuasse a fazer parte da firma social.

Vai conforme o original.

Secretaria Notarial de Faro, 10 de Novembro de 1977.

O Notário do 2.º Cartório,

a) Januário Severiano Daniel dos Reis

PICOTA - Sociedade de Perfuração e Captação de Águas, Limitada

SECRETARIA NOTARIAL DE CASCAIS

PRIMEIRO CARTÓRIO CERTIFICO

Para fins de publicação, que por escritura de dezasseis de Janeiro corrente, lavrada a folhas setenta e duas a folhas setenta e três verso do livro número Quinze-D de escrituras diversas do Primeiro Cartório, desta Secretaria a cargo da Dr.ª Maria das Dores Canudo Cabaça, foi constituída entre SILVESTRE MARTINS e MARIA DAS DORES DE SOUSA MARTINS, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada sob a denominação «PICOTA — SOCIEDADE DE PERFURAÇÃO E CAPTAÇÃO DE ÁGUAS, LIMITADA», que se regula pelas condições dos artigos seguintes:

PRIMEIRO: A sociedade adopta a denominação de «PICOTA — SOCIEDADE DE PERFURAÇÃO E CAPTAÇÃO DE ÁGUAS, LIMITADA», tem a sua sede no lugar do Poço de Boliqueime, freguesia de Boliqueime, concelho de Loulé, podendo abrir filiais onde e quando os interesses da sociedade o exigirem, e durará por tempo indeterminado a contar de hoje.

SEGUNDO: O objecto da sociedade é a actividade de perfuração artesiana, captação e canalização de águas, montagem de condutas, depósitos e piscinas, construção de blocos e vigotas de cimento e de outras estruturas para a construção civil, podendo vir a dedicar-se a qualquer outro ramo de comércio ou indústria em que os sócios acordem e seja permitido por lei.

TERCEIRO: O capital social é de CEM MIL ESCUDOS, está integralmente realizado e subscrito em dinheiro, já entrado na caixa da sociedade, e corresponde à soma de duas quotas de cinquenta mil escudos, pertencendo uma a cada sócio.

QUARTO: Não são exigíveis prestações suplementa-

res de capital, mas os sócios poderão fazer à sociedade os suprimentos de que esta venha a necessitar para o desenvolvimento dos seus negócios, nos termos e condições que forem aprovados em Assembleia Geral.

QUINTO: A cessão de quotas a estranhos depende do consentimento da sociedade, à qual é reservado o direito de preferência que será deferido ao outro sócio se ela dele não quiser usar.

SEXTO: A gerência da sociedade, activa e passivamente, pertence ao sócio SILVESTRE MARTINS, que fica desde já nomeado gerente com dispensa de caução.

PARÁGRAFO PRIMEIRO: Na ausência ou impedimento do referido gerente, exercerá a gerência a sócia Maria das Dores de Sousa Martins.

PARÁGRAFO SEGUNDO: A sociedade fica com a faculdade de constituir mandatários nos termos do artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial.

PARÁGRAFO TERCEIRO: Aos gerentes é proibido obrigar a sociedade em actos e contratos e documentos estranhos aos negócios sociais, tais como letras de favor, avales, fianças, abonações e outros semelhantes.

SÉTIMO: Quando a lei não exigir outras formalidades, as reuniões da Assembleia Geral serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios com, pelo menos, oito dias de antecedência.

Está conforme ao respectivo original.

Cascais, aos vinte de Janeiro de mil novecentos setenta e oito.

A Ajudante da Secretaria,

Lídia Maria de Brito
Lopes Monho

Trespasse-se

Café Zé Viegas em Loulé.
Informa no próprio local.

(2-1)

ENCARREGADO DE CONSTRUÇÃO CIVIL

ADMITE EMPRESA DE MÉDIA DIMENSÃO
DO ALGARVE.

RESPOSTA AO APARTADO N.º 1 — QUARTEIRA, CONTENDO A REFERÊNCIA DAS PRINCIPAIS OBRAS QUE DIRIGIU NOS ÚLTIMOS 5 ANOS E CONDIÇÕES PRETENDIDAS.

COZBAR - Cerâmica do Barlavento, SARL

Sede provisória — Rua Marechal Gomes da Costa, n.º 121 r/c.
LOULÉ

ASSEMBLEIA GERAL

Convoco a Assembleia Geral desta Sociedade para reunir no dia 21 de Março de 1978, pelas 21 horas, na Rua Marechal Gomes da Costa, n.º 121 r/c em Loulé, com a seguinte ordem de trabalhos:

- Discutir e votar o Relatório e Contas do Conselho de Administração relativos ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1977, bem como o respectivo parecer do Conselho Fiscal.
- Discutir e votar sobre qualquer assunto de interesse para a Sociedade.

Loulé, 14 de Fevereiro de 1978.

O Presidente do Conselho Fiscal
Júlio Cristóvão Mealha

QUARTEIRA E O TRÂNSITO NOTÍCIAS PESSOAIS

Sinalizar em termos de código da estrada a zona de Vilamoura, era indispensável.

Sinalizar bem teria sido o ideal. Colocar um sinal de velocidade máxima 60 km junto à Escola de Quarteira é inconcebível.

Não sinalizar convenientemente a zona onde têm acontecido mais acidentes dentro de Vilamoura foi desculpo ou esquecimento. Esse local como todos sabem fica dentro da Aldeia do Mar na bifurcação que dá acesso à estrada para a Marina de Vilamoura e o arruamento para as traseiras do Casino. Será que a Lusotur vai cuidar daqueles arbustos que têm qualquer visibilidade a quem se dirige para as traseiras do Casino?

Estará a Lusotur a pensar usar os seus serviços competentes para proceder a uma reestruturação da sinalização indicativa dos diversos empreendimentos implantados no seu interior?

Com um pouco de imaginação e sem prejudicar a paisagística local esta sinalização indicativa (informativa) poderia ter características totalmente diferentes das actuais como por exemplo a semelhante àquela usada nas auto estradas (é apenas um exemplo).

Porque se fala nisto? Uma das razões é porque temos encontrado vezes sem fim gente perdida procurando este ou aquele hotel este ou aquele empreendimento, principalmente estrangeiros que acabados de chegar ao nosso aeroporto utilizam a «rent a car» e não só estrangeiros. Outra? Não será o turismo também Imaginação?

O Verão aproxima-se a passos largos. Não será altura de se pensar no trânsito de acesso a Quarteira a tempo e horas? O ano passado usuou-se como alternativa e muito bem, a via que vai da escola primária até ao largo da lata. Este ano à falta de melhor será a mesma alternativa

Manuel Bota Espadinha

Associação dos Agricultores do Concelho de Loulé

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

2.º Cartório

Notário: Licenciada Maria Odilia Simão Cavaco e Duarte Chagas

Certifico, que por escritura de 16 de Março do ano findo, lavrada de fls. 9 a 13, v.º, do livro n.º B-45, de notas para escrituras diversas, deste Cartório, foi constituída uma associação de fim ideal, denominada «Associação dos Agricultores do Concelho de Loulé», com sede em Loulé, provisoriamente na Travessa da Graça, também em Loulé, que durará por tempo indeterminado, e tem por fim a representação no âmbito concelho dos interesses da agricultura e a salvaguarda desses interesses pela acção conjugada dos agricultores, nomeadamente no aspecto cultural e técnico dos agricultores, desenvolvendo entre os seus

associados o estímulo pelo trabalho, visando assim a progressiva especialização da agricultura regional de acordo com aptidões dos solos e influências climáticas numa óptica de aumento considerável da produção regional, tendo assim, em atenção as características das sociedades livres, em que a capacidade individual e o interesse colectivo se conjugam, forma correcta e justa de se conseguir o bem comum, sendo a admissão e saída dos seus associados da competência da direcção, e o quantitativo da quota mensal a estabelecer pela Assembleia Geral.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 9 de Dezembro de 1977.

O 2.º Ajudante,
Fernanda Fontes Santana

LOULÉ



LÍDIA GUERREIRO DE SOUSA

AGRADECIMENTO

Sua família, ainda sob a influência do duro golpe que sofreu com a perda inesperada do seu ente querido, vem a público manifestar o seu agradecimento a todos quantos, no terrível transe por que passou, procuraram trazer o seu conforto, demonstrativo de real amizade e de espírito cristão.

Igualmente agradece a todas as pessoas que tiveram a bondade de acompanhar à sua última morada, numa derradeira expressão de pesar que calou fundo nos nossos corações.

JOSÉ DIONÍSIO MARQUES

AGRADECIMENTO

Sua esposa, filhos, irmãs e restante família agradecem a todas as pessoas que de qualquer forma compartilharam da sua dor, vêm tornar público o seu mais penhorado agradecimento a todos aqueles que o acompanharam à sua última morada, numa derradeira expressão de pesar que calou fundo nos nossos corações.

Para todos o penhor da nossa gratidão.

FALECIMENTOS

Faleceu no Hospital de Loulé, no passado dia 31 de Janeiro, o sr. Francisco Farrajota Barros, que contava 82 anos de idade.

O saudoso extinto era pai da sr. D. Maria da Conceição Pires Teixeira, casada com o nosso prezado amigo e assinante sr. Sebastião de Sousa Teixeira, residente nos E. U. A. e do sr. José de Sousa Pires Palmeiros e era avô do sr. José Manuel Pires Teixeira, estudante de medicina e da sr. D. Isabel Maria Teixeira Colaço.

As famílias enlutadas apresentaram sentidas condolências.

NASCIMENTOS

No Hospital Oeste (Austrália) teve o seu bom sucesso no passado dia 26 de Janeiro dando à luz uma criança do sexo masculino a sr. D. Maria da Glória Silva Leal Rocheta, casada com o sr. Agostinho Cavaco Rocheta.

São avós maternos a sr. D. Maria Gertrudes Cavaco Rocheta e o sr. Manuel Gonçalves Rocheta e avós paternos a sr. D. Maria Silva Gonçalves e o sr. Francisco Correia Leal.

Ao recém-nascido foi dado o nome de Luís Filipe Leal Rocheta.

Aos felizes pais e avós endereçamos parabéns.

GRANDE PENALIDADE GERA BURBURINHO E AGRESSÕES

Sr. Director:

Publicou o jornal que V. Ex.ª dirige, uma local sob o título acima transcrita (n.º 658 de 19-1-78), local essa cujo conteúdo não corresponde inteiramente à verdade. Assim sendo, a Direcção do Quarteirense vê-se na obrigação de vir rectificar uma afirmação contida no texto publicado, respeitante à aludida «invasão do campo» por adeptos do nosso Clube.

A Voz de Loulé, referindo-se a um «penalty» marcado contra o Quarteirense, afirma: «A penalidade, pelos vistos, exaltou os ânimos dos adeptos mais acalorados do Quarteirense, que após o toque do apito invadiram o campo e agrediu o árbitro».

«Pelos vistos», o redactor da local só «viu» pelo «diz-se, diz-se» e não, como lhe compete, com os seus próprios olhos. Na verdade, poder-se-á desculpar ao redactor o não cumprimento das regras gramaticais («dos adeptos... que... invadiram»), mas já não será de tolerar que invente uma invasão do campo, por maior que seja a liberdade de expressão...

Nos termos do comunicado da F. P. F., o Quarteirense foi castigado, aliás duramente, «por comportamento incorrecto do público, com acumulação e causando lesão física ao árbitro».

Vê-se portanto que a Voz de Loulé só «acertou» na agressão ao árbitro, infelizmente executada por um indivíduo exaltado, depois de findo o jogo e quando o árbitro se encaminhava para os balneários. É pois inteiramente falsa a afirmação de que houve invasão do campo no decorrer do jogo Quarteirense-Serpa.

Face ao acima exposto, sr. Director, lamentamos que «A Voz de Loulé, que se afirma um jornal responsável, dê à estampa uma notícia baseada apenas «pelo que nos foi dado ouvir», quando tem o dever de informar correctamente os seus leitores.

Estamos porém de acordo, e para terminar, que nada justifica determinados acontecimentos que se registram, com frequência, nos campos desportivos nacionais, acontecimentos estes «que em nada prestigiam o desporto». Quanto a este ponto, e contrariamente ao que faz «A Voz de Loulé»

lá, nem sequer precisamos de utilizar quaisquer reticências.

Pela Direcção do Quarteirense
O Presidente,
(assinatura ilegível)

N. R. — São discutíveis as razões apresentados pela Direcção do Quarteirense acerca do que se passou no Estádio da Campina, mas «A Voz de Loulé» está particularmente interessada em enaltecer a fulgorante carreira do melhor Clube do nosso concelho e não deseja aprofundar questões que convém esquecer.

Quem redigiu a notícia aceitou como válida informação que lhe foi prestada por pessoa respeitável e não teve qualquer propósito deliberado de levantar problemas ao Quarteirense.

O que sinceramente lamentamos é que sócios do Quarteirense prejudiquem o seu Clube em momentos de exaltação clubista, cujas repercussões são sempre desagradáveis.

Bem gostaríamos de enaltecer o excelente comportamento do Quarteirense ao longo do campeonato, através do relatos que nos fossem enviados, mas infelizmente ainda não conseguimos encontrar (apesar das tentativas já feitas) alguém em Quarteira que tivesse tempo livre para nos prestar esclarecimentos acerca dos jogos disputados pelo Quarteirense e também da sua actividade em outras modalidades desportivas.

Oxalá isso possa acontecer logo que caia no esquecimento este pequeno precalço.

LOULÉ



MARIA DAS DORES FARRAJOTA FERNANDES

AGRADECIMENTO

Sua família, a fim de evitar qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas das pessoas que, de qualquer forma, compartilharam da sua dor, vêm tornar público o seu mais penhorado agradecimento a todos aqueles que a acompanharam à sua última morada.

Vende-se carro

Austin, a gasóleo, em bom estado.

Trata Virgílio Marum Costa — R. Gonçalo Velho — Telef. 65122 — QUARTEIRA.

(2-1)

Trespasse-se

Casa comercial bem localizada, na cidade de Faro.
Tratar pelo Telef. 25958 — FARO.

(3-1)

«É tempo de reeditar e dar a conhecer esse raro e precioso património cultural da província algarvia»

— Discorre a Dra. Idália Farinha Custódio

(continuação da pág. 1)

Merece-nos pois toda a deferência o depoimento com que obsequiou o nosso empenho e condescendeu em ilustrar as páginas deste jornal.

NOTA AUTOBIOGRÁFICA

Idália Farinho Custódio nasceu em Agosto de 1938, em Loulé. Fez a 1.ª classe primária em Loulé e os outros estudos primários no concelho de Silves. Por motivos de variedade (explicá-la seria longe de mais neste texto), não prosseguiu os seus estudos. Fez um curso prático técnico para professora de corte, costura e bordados. Aos 21 anos retomou os estudos académicos, fazendo o curso Liceal, em Faro. Frequentou a Faculdade de Letras de Lisboa, primeiro como aluna interna, depois como voluntária, dando aulas na Escola Industrial e Comercial de Setúbal.

Acabou o seu curso como trabalhadora-estudante, a lecionar na Escola Preparatória de Faro. É licenciada em Filologia Romântica. Actualmente professora efectiva do 2.º grupo da Escola Preparatória de Loulé, em comissão de serviço como professora-orientadora de Estágio do 2.º grupo do Ensino Básico, disciplina de Português, na Escola Preparatória de D. Afonso III, em Faro. Colaborou em inquérito de sociologia da Literatura, tem-se interessado e acompanhado recolha de textos de transmissão oral popular na zona de influência da sua terra natal.

O texto do questionário que lhe foi presente contém as seguintes interrogações:

1 — Qual a sua opinião sobre a personalidade e a obra literária do Dr. Ataíde Oliveira?

GINÁSTICA DESPORTIVA EM LOULÉ

(continuação da pág. 1)

que tomaram parte cerca de 100 crianças dos núcleos afins de Vila Real, Tavira, Cavacos, Olhão, Faro, Portimão, Silves e Tunes.

As categorias admitidas no certame foram as seguintes: Bambis (masculinos e femininos de 8 e 9 anos); Infantis (masculinos de 10 a 12 anos e femininos de 10 e 11 anos); Iniciados (masculinos de 13 e 14 anos e femininos de 12 anos); e Juvenis (femininos de 13 a 15 anos).

MEDIDOR ORÇAMENTISTA

ADMETE EMPRESA DE CONSTRUÇÃO CIVIL DE MÉDIA DIMENSÃO COM SEDE E OBRAS NO ALGARVE.

RESPOSTA AO APARTADO N.º 1 — QUARTEIRA, CONTENDO O CURRÍCULUM VITAE E CONDIÇÕES PRETENDIDAS.

2 — Quais são as suas obras mais representativas?

3 — Acha que, dada a raridade das suas obras seria aconselhável, em proveito da cultura portuguesa, a reedição das obras do Dr. Ataíde Oliveira?

4 — A providenciar-se essa edição, seria vantajoso inserir-se, paralelamente, uma análise crítica?

RESPOSTAS:

1 — Francisco Xavier d'Athaíde Oliveira foi um insigne algarvio, extremamente culto, investigador e apaixonado do património cultural da sua província. Escreveu monografias e são de grande relevância «Contos Infantil», «As Mouras Encantadas», «Contos Tradicionais do Algarve», obras que revelam, também, o forte desejo em dar vida e preservar o folclore da terra algarvia que o Dr. Athaíde Oliveira tanto amava — a literatura tradicional, de incalculável valor, havia de sobreviver.

2 e 3 — Toda a sua obra é de um estudo e merece reconhecimento. É tempo de reeditar e dar a

conhecer, a todo o público, esse raro e precioso património cultural da província algarvia. Recordando palavras do Dr. Athaíde Oliveira «Não está bem ao algarvio que preza e ama a sua província assistir de braços cruzados aos desmoronamentos das nossas tradições orais...», vamos, nós, deixar morrer o amor e o trabalho gigantesco de Athaíde Oliveira? Que a reedição das suas obras, seja o mais autêntico agradecimento de todos os algarvios.

Havendo dificuldades para uma reedição global de toda a obra de Athaíde Oliveira, seria de dar, no meu entender, prioridade de publicação às obras de maior possibilidade de difusão: «Contos Infantil», «Contos Tradicionais do Algarve», «As Mouras Encantadas», «Romanceiro e Cancioneiro do Algarve», obras que terão, por certo, uma grande aceitação pelo seu teor cultural, e força de comunicabilidade.

4 — Uma análise crítica virá a propósito feita por especialistas habilitados a julgar do valor da obra do Dr. Athaíde Oliveira.

NÃO É PROIBITIVO PENSAR NO «DIREITO À FELICIDADE»

(continuação da pág. 1)

e marginados, muitas das vezes, pelo despotismo dos poderes instituídos.

Isto, realmente, é que é condenável, pois bem se sabe que a gravidez de um problema cósmico se deve, predominantemente, a propósitos expressamente concebidos. Uma barreira obstrucionista, deliberadamente orquestrada, impede a proliferação por toda a órbe dos «direitos humanos».

Sucede daqui que ao pretendermos afilar o «direito à felicidade» não podemos deixar de remissa e de tropeçar nos «direitos humanos» dos quais, aquela («direito à felicidade») é o seu prolongamento e remate.

Será, contudo — é tempo de indagar — inatingível o «direito à felicidade»? Não será antes, cultivar uma utopia e perseguir um mito sedutor, mas irrealizável?

Os dados da questão estão postos em termos convencionais, que devaneceram o obscurantismo da questão.

Para além, no caso particular que nos toca, a nós portugueses, da capacidade intelectiva e material de nos premovermos, o «direito» à felicida-

de», que transcende actualmente em muito as possibilidades de satisfação do Estado, fundamenta-se na tríplice conjugação de direitos, sim, mas também de potencialidades a desenvolver por todos: económicas, sociais e culturais.

Será estulto da nossa parte pedir, exigir o «direito à felicidade», se antes não soubermos criar as condições convenientes à sua implantação.

Fora deste quadro é que, por mais voltas que se dê não poderemos sair da mediania do pensamento, confinado pelas sequelas do subdesenvolvimento e abandonar, por intrapsonável, metas que nos acenam de longe.

J. C. Viegas

Gatuno
surpreendido
com a mão
em bolso alheio

O caso deu-se em 5 passado, quando se verificou o enorme ajuntamento de pessoas, à entrada do corso em Loulé.

Um indivíduo, de nome Fernando José da Silva Carrilho, de 50 anos, casado, estivador, actualmente desempregado, natural de Lisboa, foi surpreendido pelo sr. Joaquim Fernando Viegas Dias, bombeiro do aeroporto de Faro, com a mão no bolso deste.

Ante o inesperado da ocasião o sr. Viegas Dias, que no dito bolso transportava a quantia de 8 mil escudos, disse: — «O senhor tem a sua mão no meu bolso». Ao que o interpelado respondeu: — «Foi sem querer, desculpe-me».

O sr. Viegas Dias é que não esteve pelos ajustes, agarrou o pretendente ratoneiro e entregou-o às autoridades locais.

MOINHOS DE VENTO...

E NOVAS FONTES DE ENERGIA

(continuação da pág. 1)

e medieval, se lhes possa associar o Cavaleiro da Triste Figura, o anguloso D. Quixote, e a sua montada, o Rocinante, a investir, de lança em riste, com grotesca audácia, contra... as velas de um moinho de vento. E, por idêntica associação de ideias quantos poemas se poderiam enumerar da autoria de bardos populares, que se não confinaram a magizar na sua permanente industriosidade.

Mas, afinal, ante a ameaça actual de que a energia proveniente do petróleo, além de comprometida pelo agravamento dos preços atingirá dentro de alguns anos a exaustão, autorizamo-nos a pensar que os velhos moinhos de vento ainda não morreram...

Quem, efectivamente, haveria de supôr, contemplando os milagres da técnica, que o velho moinho voltaaria a ser relembrado, não em termos saudosistas mas em termos utilitários?

Com efeito, actualmente, pesquisas exhaustivas, na demanda de novas fontes de energia, voltam-se atentas para a força do vento e ponderam o seu aproveitamento.

A fazer fé no que os técnicos da NASA afirmam, no ano 2000 os geradores a vento fornecerão entre 5 a 10% da electricidade.

Se assim acontecer, confirmando

os vaticínios, teremos deste modo o ressurgimento (embora de forma e concepção diferentes) dos antigos e enfeitiçados moinhos de vento.

E entre nós, porém, é assinalável e perdurable o seu fascínio. Com efeito, de quando em vez, depara-se-nos uma outra foto a atestar que a reconstrução de um projecto moinho, veio por imperativos estéticos ocupar os primeiros planos de uma paisagem.

J. C. Viegas

ALTO DO RELÓGIO LOULÉ



FRANCISCO IRIA

AGRADECIMENTO

CAMPINA DE CIMA LOULÉ



MANUEL ANTÓNIO
PINGUINHA
(Fazendinha)

AGRADECIMENTO

Sua família, desejando evitar qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas e ilegibilidade de assinaturas de todas as pessoas que, de qualquer forma, compartilharam da sua dor, vem tornar público o seu mais penhorado agradecimento a quantos se interessaram pelo estado de saúde do saudoso extinto durante a doença que o vitimou e bem assim a todos aqueles que o acompanharam à sua última morada.

PROPRIEDADE

VENDE-SE

Vende-se no sítio da Alagoa do Carvoeiro — Almansil própria para horta e com casa de habitação.

Informa Telef. 62816 — LOULÉ.

(3-2)

Fábrica de Pastelaria Fina

RUA DO MATADOURO
Telef. 62503 — LOULÉ

FORNECIMENTOS PARA:

Pastelarias, Hoteis, Cafés, Casamentos, Festas de Aniversário, Banquetes, etc..

FABRICO DE QUALIDADE EM:

Bolos de Aniversário artísticos, Bolos de Noiva, Bolos de Batizado, Tortas, tartes, grande sortido de pastelaria fina, etc.

Especialidades em Bolos Regionais do Algarve e D. Rodrigo (fábrico de Lagos)

À venda
nas Pastelarias
e Supermercados

LAGOS, LOULÉ, ALDEIA DO MAR, ALDEIA DO GOLF E VALE DE LOBO



AMAZONA

Reunião em Loulé dos Bombeiros do Algarve

No passado dia 28 de Janeiro, teve lugar nos Paços do Concelho de Loulé, no prosseguimento dos encontros periódicos, uma reunião que averiou a presença das direções e comandos dos Bombeiros do Algarve. Não se fez representar apenas, a Corporação de Portimão.

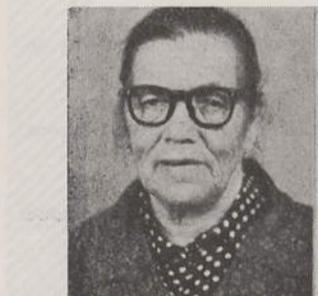
Na mesa que conduziu os trabalhos tomaram lugar elementos da Federação de Bombeiros do Algarve e o comandante dos bombeiros da Vila, sr. Carlos Leal.

Antes do início da «agenda», discutiu-se o sr. Libâo Palma, vereador da Câmara Municipal de Loulé e titular do pelourinho «incêndios». Na ocasião, e após as saudações, congratulou-se com o encontro de Loulé, que proporcionara o ensejo de reunir as direções e os comandos das corporações algarvias. Ao terminar formulou votos para que a reunião resultasse proveitosa.

Dado início à ordem de trabalhos, foi aprovada a acta da reunião anterior e lidos os ofícios tocantes a viaturas e outro material do exército cedidos aos Bombeiros e à não observância de participações do Estado em obras para quartéis de bombeiros, de 1974 a 1977.

Entre outros assuntos mais ali fados esteve em apreço a possibilidade de todas as corporações de Bombeiros do Algarve adoptarem o mesmo número de telefone, tornando também destaque a referência feita à proibição de alguns médicos da permanência dos bombeiros no banco do hospital de Faro, em contradição com as determinações das instâncias afectas aos transportes sanitários.

Tomou também relevo a sugestão



GUIOMAR DA CONCEIÇÃO

AGRADECIMENTO

Abia Rodrigues da Silva, seus irmãos e restante família na impossibilidade de o fazer pessoalmente, por negabilidade de assinaturas e desconhecimento de moradas, vêm por este meio testemunhar o seu profundo reconhecimento a todas as pessoas que de qualquer modo compartilharam na sua dor e bem assim àqueles que o acompanharam à sua última morada.

A todos o testemunho da sua mais profunda gratidão.

QUARTEIRA

Se pretende alugar apartamentos mobilados para a época de Verão contacte-nos pelo telef. 65457 — QUARTEIRA.

O II GOVERNO CONSTITUCIONAL E OS AGRICULTORES PORTUGUESES

Pelo Eng.^o
VACAS DE CARVALHO

apresentada quanto à realização de uma reunião entre os presidentes dos Municípios da Província e os dirigentes dos bombeiros, para apreciação conjunta de problemática avultante respeitante à função das Associações.

Também foram ventiladas as diligências empreendidas conducentes à provisão de material de primeiros socorros nas ambulâncias, para tratamento a sinistros; realização de exercícios conjuntos para fins de adestramento; restabelecimento urgente dos serviços de rádio-escuta.

Já na fase final da reunião, o comandante Pires Rico, que pertence ao quadro honorário após 50 anos de serviço activo, apresentou cumprimentos de despedida e agradecimentos pela camaradagem e colaboração recebida dos seus colegas.

Por seu turno, o tenente-coronel Bernardino Rodrigues dos Santos, novo comandante dos Bombeiros Municipais de Faro, consubstanciou as saudações aos comandantes algarvios tendo recebido justa retribuição.

A próxima reunião realizar-se-á em Portimão, na qual se aventa a possibilidade da comparecência dos presidentes das Câmaras do Algarve.

A nomeação de Luís Saias para Ministro da Agricultura e Pescas, seguida do preenchimento das Secretarias de Estado, trouxe, de novo, uma profunda inquietação aos agricultores portugueses. Em particular, os agricultores espoliados do Alentejo apercebem-se, com amargura, que foram, de novo, vendidos.

Há três anos que, no Alentejo, mais de um milhar de famílias se viram afastadas da terra. Vivendo dos escassos 8 000 escudos mensais que o Governo lhes concede, como esmola para sobrevivência, estas vítimas não estarão nas melhores condições para aguardarem uma nova experiência que, à partida, tudo indica ser em seu desfavor.

A saída de António Barreto do Ministério da Agricultura foi festejada, pelos comunistas de Beja, com fo-

guetes. E, no entanto, António Barreto foi o ministro que apenas tentou fazer cumprir as leis agrícolas aprovadas na Assembleia da República. Se se atender à conotação política atribuída a Luís Saias e aos primeiros contactos que este achou por bem estabelecer; se se avaliar a substituição na Secretaria de Estado da Restauração Agrária, de Carlos Portas por António Campos, cuja actuação no 1.º Governo Constitucional podemos classificar de indecisão; ou à permanência de Azevedo Gómes, na Secretaria de Estado das Flores, que vê, assim satisfeita o seu antagonismo a António Barreto; se se atender aos indícios existentes de um pacto PS-PCP à margem da coligação PS-CDS do 2.º Governo Constitucional, além de outras factores significativos, verifica-se que existem razões de sobra que permitem afirmar que a agricultura portuguesa e, em especial, o Alentejo, foi utilizada como moeda de troca a favor do PCP que pode, assim, entrar na chamada fase de consolidação da ilegalidade.

Basicamente, a diferença que parece verificar-se en-

tre este Ministério da Agricultura e o anterior, reside na intenção de serem ou não serem cumpridas as leis agrícolas em vigor. Crê-se que este Ministério seguirá as pisadas do de Lopes Cardoso, dissimulando intenções, arrastando situações e protelando a aplicação das leis. É o Ministério destinado a aplicar o «tratado de Tordesilhas» acordado ilegalmente.

E é o que estabelece a diferença entre a democracia que o País deseja, e a ditadura político-militar que se vem denunciando no nosso País, na medida em que se permitem que acordos se sobreponham à legalidade democrática.

Mau grado a força dos ditadores, não cremos que esta manobra tenha possibilidades de êxito. O agricultor português deverão, sem dúvida, tomar de novo posição contra a colonização a que continuam a estar sujeitos a partir da Grande Lisboa (Cintura Industrial incluída). E, em particular, o Alentejo dos agricultores vitimados, e dos trabalhadores rurais que ficaram privados da liberdade em consequência da colectivização irracional e desumana que foi esta reforma agrária, clama por justiça que seja contra quem for, não poderá deixar de ser feita.

ATLETISMO EM LOULÉ

Com grande afluência de público e elevado número de atletas de ambos os sexos, realizou-se na Av. José da Costa Mealha, no Domingo de Carnaval, uma entusiástica prova de Atletismo, que contou com a presença de diversas equipas de todo o País e Espanha.

De Loulé participaram o Louletano, o Futebol Clube de S. Francisco e a Escola Secundária.

Devido ao elevado número de concorrentes, apenas podemos publicar os nomes dos melhores classificados, que foram os seguintes:

PROVA FEMININA (1 500 metros) — 1.º, Florbela Damas (Silves F. C.); 2.º, Madalena (Núcleo de Vila Real de Sto. Antônio); 4.º, Maria Brites (Silves F. C.).

Nesta prova concorreram 4 atletas em representação de 10 equipas.

A classificação por equipas foi a seguinte:

1.º, Núcleo de Vila Real de Sto. Antônio, 18 pontos; 2.º, Grupo D. de Lagoa, 32; 3.º, Escola Secundária de Loulé, 37 pontos.

PROVAS MASCULINAS:

INFANTIS (1 500 metros) — 1.º, João Brito (G. D. Lagoa); 2.º, Paulo Faleiro (Clube de Vila de Tavira); 3.º, Paulo Lopes (G. D. Lagoa); 4.º, Luís Gouveia (Amador de Lagoa); 14.º, Álvaro Viegas (Futebol Clube de São Francisco); 22.º, Deodato Guerreiro (Louletano); 30.º, João Martins (Futebol Clube de São Francisco); 45.º, Luís Contreiras (Louletano); 47.º, José Dionísio (Futebol Clube de São Francisco).

Participaram nesta prova 98 atletas em representação de 16 equipas:

Classificação por equipas:

1.º, Grupo Desportivo de Lagoa, 16 pontos; 2.º, Casa da Cultura de Faro, 35 pontos; 3.º, Clube de Vila de Tavira, 38; 10.º, F. C. de São Francisco, 91.

O Louletano D. C. não se classificou por equipas.

INICIADOS / JUVENIS (3 000 metros) — 1.º, Helder Miguel (Clube de Vila Tavira); 2.º, Daniel Glória (Amador de Lagos); 3.º, Alfredo Chita (Liceu Nacional de Faro); 4.º, Francisco Toscano (Huelva); 38.º, Helder Sampaio (Futebol Clube de São Francisco); 40.º, Antero Tomé (Escola Secundária de Loulé); 41.º, Eduardo Garcia (Futebol Clube de S. Francisco); 46.º, Horácio Martins (Louletano); 75.º, Isidro Martins (Futebol C. de S. Francisco); 79.º, Aníbal Sesinando (Louletano); 82.º, Abílio Catarino (Louletano).

Participaram 146 atletas em representação de 26 equipas.

Classificação por equipas — 1.º, Huelva, 21 pontos; 2.º, Olhanense, 25; 3.º, C. Vela de Tavira, 28; 13.º, Futebol Clube de S. Francisco; 16.º, Louletano D. C.

JÚNIORES/SÉNIORES (600 m.) — 1.º, Luís Horta (Sporting C. P.); 2.º, Vítor Marquez (Huelva); 3.º, Juan Barron (Huelva); 4.º, Gualdiño Viegas (L. Faro); 5.º, José Martin (Huelva).

Participaram 98 concorrentes em representação de 22 equipas.

Classificação por equipas: 1.º, Huelva, 10 pontos; 2.º, Olhanense, 58 pontos; 3.º, Beavista, 70; 4.º, Louletano, 73; 5.º, Carregueira, 79.

Analisando sinteticamente a organização da prova e o decorrer da mesma, pois a Associação de Atletismo de Faro demonstrou mais uma vez a sua capacidade e maturidade nestas andanças.

Quanto às equipas participantes de Loulé destacou-se a presença surpreendente de uma nova colectividade o Futebol Clube de São Francisco pois os seus atletas infantis (masculinos) e iniciados/juvenis, únicas categorias em que o clube esteve presente, demonstraram que o atletismo não continua abandonado em Loulé.

Segundo nos disseram a equipa não é Federada mas os seus atletas nem por isso deixam de estar bem preparados, que: física ou taticamente, infundindo aos louletanos imensas esperanças nesta nova colectividade. Quanto ao Louletano, fez uma prova que aliás já se esperava pois segundo o que apurámos demonstrou pouca preparação. Aqui deixamos bem vincado, e desde já alertamos, para que o clube se interesse mais pelo atletismo juvenil, pois reconhecemos nos seus atletas indesmentível valor.

JÚLIO PATHÉ

VENDE-SE TARRACHA ELÉCTRICA

Estado novo.

Informa Virgílio Marum Costa — R. Gonçalo Velho — Telef. 65122 — QUARTEIRA.

(continuação da pág. 1)

sores para dar início às aulas. Portanto, assim que dispussemos de 80 por cento de professores as aulas começariam. Nessa reunião alguns pais, sobretudo os da Vila, que não aceitavam de maneira nenhuma isso, e queriam o imediato começo de aulas, sugeriram-nos que adiássemos a abertura das aulas para dia 24 de Outubro, segunda feira seguinte, na eventualidade de que neste interim viesse do MEIC ordem para recrutar professores.

A Comissão Directiva, nessa altura fez mal, aceiou. E no referido dia 24 nós tentamos abrir as aulas, sem professores ainda e sem os 80 por cento convencionados pelo corpo docente da Escola, como mínimo aceitável.

Nessa semana, de 24 até ao fim do mês, nós todos o dias recebímos pais do campo que vinham dizer que não mandavam os filhos à Escola, visto que os filhos, vinham realmente às aulas que chegavam à Escola às 10 para as 9, podendo chegar 10 minutos antes e assistir assim às respectivas aulas, o que não se verifica.

Dr. Odete Guerreiro — A maior parte dos alunos vindos do campo têm de frequentar mesmo essas aulas das 8.40 e a partir das 17, já não têm camioneta.

V. Loulé — Em conclusão, podemos depreender que não condiscernendo a Rodoviária em ajustar os horários das suas carreiras, em 10 minutos, ao menos, ao horário escolar, a Escola viu-se na contingência de aglomerar o funcionamento das turmas num período reduzido em relação às suas próprias capacidades, quer em instalações quer no número de professores. É neste período, portanto, que se verifica o tal congestionamento e a tal «hora dramática» da Escola.

Padre Almeida Coelho — Consequentemente os horários ficaram bastante prejudicados. Concretamente, uma grande parte dos alunos só vai almoçar às 2 horas da tarde. E quando vão almoçar nem sequer encontram os pais em casa, o que é muito prejudicial para a sua educação e formação.

Textos Populares da Tradição Algarvia

A Cantiga do Don-Don

Pela Dr.^a
ALIETE FARINHO D. GALHOZ

(Conclusão)

Não pretendo fazer aqui o estudo interno da nossa versão de Quarteira, era trabalho para linguista, nem a comparação larga dos dois textos, era trabalho para um investigador do teatro popular, mas apenas apresentar, terminando, os dois textos em relação e deixá-los à descoberta proveitosa de quem se possa interessar: ou curioso que recolha mais coisas, ou estudioso que alargue e aprofunde esta:

«A CANTIGA DO DON-DON»

Triste vida é a dos marujos,
De todas a mais cansada,
Que pela triste soldada
Passam tormentos!

Don! Don!

Lembro-me de certas senhoras,
Com quem eu tratei em terra.
Hoje estão me fazendo guerra...
Com meu dinheiro!

Com meu dinheiro!

Don! Don!

Tenho medo do peixe-arraya
E também do tubarão,
Que não morda meu coração...
E minha alma!

E minha alma!

Don! Don!

As nossas necessidades
Nos obrigam a embarcar,
Passando o tempo no mar!
Em águas e aguaceiros.

Em águas e aguaceiros!

Don! Don!

Andamos na fúria do vento,
Quer no verão, quer no inverno!
Só se parece com o inferno
A tempestade!

A tempestade!

Don! Don!

No meu quarto de dormir,
Quando estou a descansar,
E quando ouço gritar:
Ó leva arriba!

Ó leva arriba!

Don! Don!

O chefe, então, me grita:
Falando de tal maneira:
Mande ver a cevadeira
E consertar o pano!
E consertar o pano!

Don! Don!

Antes queria ser padre,
Sendo vigário colado,
De casamento e baptizado
Ganhando ofertas,
Ganhando ofertas.

Don! Don!

Triste vida, companheiros!
Não podem's descansar!
Cada qual em seu lugar!
Ó leva arriba!
Ó leva arriba!

Don! Don!

Arrenego de tal vida
Que nos dá tanta canseira
Que sem uma bebedeira
Não passamos!
Não passamos!

Don! Don!

(recolhido na região do Ceará,
nordeste do Brasil, anteriormente
a 1921).

Triste vida a do marujo
Qual delas é mais cansada
Pra mode a triste soldada
Passam tormentos

don don.

Lembra-me certas senhoras
Com quem trati em terra
Qui m'estão fazendo guerra
Ós meus dinheiros
Ós meus dinheiros

don don.

Qui me venha o peixe arraya
Juntamente ó camarão
Qui me arranke as entradas
Do coração
Do coração

don don.

Andar à cura dos ventos
Quer de verão ou quer de inverno
Já me parece um inferno
As tempestades
As tempestades

don don.

O mestre logo se estriba
Meu coração logo o teme
Em cuidar qu'heide ir ao leme
Estar duas horas
Estar duas horas

don don.

(recolhido em Valjudeu, concelho
de Loulé, distrito de Faro,
Portugal, em 1954).

110 MILHÕES DE MORTOS PELO COMUNISMO SOVIÉTICO

Enquanto a União Soviética celebrava o 60.º aniversário a implantação do comunismo na Rússia, com a presença de representantes de cerca de cem países e uma formidável parada militar para defender a sua paz — em Portugal, desde a RDP com a sua quinzena de música russa e só-

SUÉCIA — O ROSTO DA SOCIAL-DEMOCRACIA

Se alguém quiser dar um exemplo do que pode ser um país que funciona de acordo com ideais sociais-democratas forçosamente citará, como exemplo típico, a Suécia.

Mesmo após a saída dos sociais-democratas do Governo, são as linhas mestras da social-democracia que continuam a fazer funcionar a Suécia. A filosofia que orienta o povo sueco é a dos sociais-democratas, mesmo com os conservadores no Governo. O modo de vida sueco pode bem, portanto, considerar-se como social-democrata. E a social-democracia tem também em Portugal os seus adeptos.

Daí o grande interesse para nós, Portugueses, do livro agora publicado, «Suécia — O Rosto da Social-Democracia».

Factos são factos, por mais voitas que se dê.

Será portanto útil ao leitor, tenha ele ou não ido «picado» pela política, que antes de se lançar em discussões sobre os méritos e «deméritos» da social-democracia saiba como ela funciona e em que medida

CONCURSO LITERÁRIO JUVENIL DA CIDADE DE FARO

1.º — Este Concurso Literário Juvenil da Cidade de Faro é uma iniciativa da Comissão Organizadora de Actividades de Extensão Educativa - Faro (FAOJ).

2.º — Podem participar neste certame literário, todos os jovens, portugueses estudantes ou não. Haverá 2 categorias de concorrentes: Jovens até 15 anos; jovens entre os 16 e 20 anos.

3.º — Prevêem-se as seguintes mo-

daidades: Conto, Poesia Livre, Ensaio, Poesia obrigaada a mote, Quadra.

4.º — As produções devem apresentar-se o mais legivelmente possível.

5.º — A Quadra poderá apresentar-se isolada, ou integrada num conjunto.

6.º — O mote para a modalidade àquele obrigaada, é a Quadra do Poeta António Aleixo:

A Arte é dom de que cria.
Por isso não é artista
Aquele que só copia
As coisas que tem à vista.

7.º — Os trabalhos devem ser identificados através de um pseudônimo, ou divisa. As produções serão acompanhadas dum sobreescrito lacrado contendo o nome do autor e a sua residência, ou o estabelecimento de ensino, que possivelmente frequente, e ainda o pseudônimo ou divisa, ou por pseudônimo e divisas diferentes.

8.º — Os participantes neste certame literário podem concorrer a cada modalidade com um número ilimitado de produções, que serão identificadas pelo mesmo pseudônimo ou divisa, ou por pseudônimo e divisas diferentes.

9.º — O prazo de entrega das produções termina, no dia 17 de Março de 1978.

10.º — Será constituído um júri que apreciará os trabalhos concorrentes.

Os nomes das pessoas que o formarão serão oportunamente tornados públicos.

As suas deliberações não admitem recurso.

11.º — Serão atribuídos 1.º, 2.º e 3.º prémios, para cada modalidade e categorias previstas, neste I Concurso Literário Juvenil da Cidade de Faro. O Júri reserva-se o direito de não atribuir quaisquer das classificações previstas, por não encontrar mérito para tal, nas produções que apresentar.

12.º — Em todos os casos omisos este Regulamento será complementado pelo Júri do Concurso Literário.

13.º — Os nomes dos concorrentes premiados serão conhecidos no dia, a designar, em que se realizar uma sessão pública para o fim de se conhecerem as obras distinguidas e os nomes dos seus autores.

14.º — As produções literárias concorrentes devem ser enviadas para o seguinte endereço:

COMISSÃO ORGANIZADORA
DE ACTIVIDADES DE
EXTENSÃO EDUCATIVA
R. dos Bombeiros Portugueses
— Faro.

Moça» alimentam esses sonhos, sem contudo deixarem de preparar as jovens para as realidades da vida.

(Edições Europa-América, Lda.)

EU TRAFICANTE DE FERAS

Quando o leitor vai ao circo ou ao jardim zoológico e admira o espetáculo que os animais lhe proporcionam está a ser sem o saber, o último elo duma cadeia de caçadores furtivos, contrabandistas e comerciantes sem escrúpulos.

À parte raríssimas exceções — em que efectivamente o principal papel é de preservar a fauna — o autor verificou que a finalidade dos jardins zoológicos era exactamente oposta à que anunciam. Os jardins zoológicos não são mais do que campo de concentração e de extermínio lento ou rápido das espécies mais raras que existem à superfície da Terra... com o fim de distrair os seres humanos. A mortalidade média de um jardim zoológico situa-se à volta dos oitenta por cento para o primeiro ano de cativeiro, enquanto os nascimentos não atingem os dois por cento no melhor dos casos e nos jardins zoológicos altamente especializados!

Para além disso, o autor põe a nus as monstruosidades cometidas na captura dos animais, torturas voluntárias e involuntárias que sofram até chegarem às mãos ou aos olhos do público, passando pelo suborno dos funcionários de alfândegas, companhias de aviação, etc..

Este livro é o testemunho pungente de sinceidade dum homem que foi traficante de feras até ao dia em que descobriu a verdade sobre o destino dos animais que capturava e expedia para todo o mundo. Nesse dia, levou para a floresta todos os animais que lhe restavam, abriu-lhes as jaulas e restituí-los à liberdade. Ficou assim livre para falar e denunciar um crime em que todos desde os governos ao leitor deste artigo, estámos a ser coniventes.

Um livro que todo o público deveria ler.

Autor: Jean-Yves Domalain.
(Edição de Publicações Europa, América, Lda.).

O RIR

FAZ BEM

Entre amigas:

— Então tu passaste as férias em casa, rapariga! Por que é que não estiveste numa praia com a família!!

— Mas é como se tivesse estado. Olha: a alcatifa é verde-mar, os garotos são mexilhões, a minha sogra arma todos os dias barraca porque não a deixo fazer ondas...

— E o teu marido, o que fez no meio disso tudo?

— Nada...

— Com os géneros tão caros como estão, não te parece extravagância comer manteiga e marmelada com pão, ao mesmo tempo?

— Pelo contrário, mãezinhas, julgo até que é economia. Não vê que o mesmo bocado de pão serve para ambas as coisas!

— Senhor doutor, quero divorciar-me da minha mulher. É má dona de casa, anda sempre mal arranjada nunca me dá as refeições a horas...

— E quando é que o senhor conheceu a outra pequena?



Banco da Agricultura



Banco de Angola



BPM Banco Pinto de Magalhães

agora...

UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES

Continuamos uma tradição de eficiência e dinamismo.
A solução dos problemas do futuro depende das realizações que empreendermos desde já.
O nosso amanhã começa hoje.
A acertada aplicação dos depósitos dos nossos Clientes, trabalhando no País ou no Estrangeiro, garante o nosso tradicional apoio às actividades produtivas de Portugal.
As nossas equipas técnicas estão diariamente empenhadas nesta empolgante tarefa.
Agora, com a integração dos três Bancos, somos uma nova dimensão no sistema bancário português.
A nossa actuação vai ser multiplicada, ainda mais eficiente e ao alcance de um maior número de Clientes.
Com mais de 100 balcões, uma dinâmica reforçada e um serviço personalizado.

**UNIÃO DE BANCOS
PORTUGUESES**

CONTE CONNOSCO



Quotidianos

a crónica de
JOSÉ MANUEL MENDES

O ÚLTIMO QUOTIDIANO

Caríssimos leitores,

Foi em Maio de 1977, se poderão estar lembrados, que iniciei neste cantinho superior esquerdo da última página de «A Voz de Loulé», estes «Quotidianos», por vezes iguais a si mesmos, outras, quotidianos de coisa nenhuma.

Sem qualquer pretensão, nem contrato de duração alguma a cumprir escrupulosamente, estes «Quotidianos» foram-se tornando um quotidiano dos leitores habituais deste semanário, habituados a dirigirem-se a estas crónicas com a curiosidade de ler «as bocas que este gajo hoje diz», e ficar com um certo ar passageiro de sorriso ou de seriedade, consoante o conteúdo diversificado que sempre manteve por norma caracterizar este meu tipo de escritos.

Embora nunca me tenha preocupado muito com isso, interiormente estabeleci a ideia de que um ano de «Quotidianos» seria uma meta engraçada, que na minha actividade jornalística, quer no marco que representaria na fisionomia trazeira do jornal.

É com bastante mágoa, que revelo hoje, a três meses da conclusão dessa efeméride, a impossibilidade de ela se vir a verificar.

Seria fastidioso estar aqui a enumerar os motivos de tal atitude, pelo que quero deixar apenas expressos, no dealbar destes «Quotidianos» em busca de novos quotidianos, três agravamentos:

Ao Director de «A Voz de Loulé», sr. José Maria da Piedade Barros, de quem sempre recebi todos os estímulos ao meu gosto pelas letras;

Ao sr. J. C. Viegas, cuja experiência e extraordinária capacidade e vocação pedagógica me têm sido bastante valiosas;

A todos os leitores que fizeram o favor de prestarem atenção aos meus escritos, e sempre me manifestaram o seu agrado, e mesmo àqueles, que opinavam a «infantilidade» do autor, e a escassez de «sumo» dos mesmos (escritos).

Num País em que o vício do quotidiano narcotiza cada vez mais os seus habitantes, o desaparecimento destes «Quotidianos» só pode ser considerado como uma pedra no charco da monotonia, e na sarna de certas moscas indolentes que, por inveja, por estupidez, ou por simples instinto de escorpião, teimam em sujar com a sua baba peganhosa, aquilo que elas próprias não conseguem fazer, por falta de talento, ou de voluntariedade (o que é mais grave)!

O Zé manda à fava as mexeriquices políticas e manda vir batata a baixo preço

Como descomprometido e senhor do seu nariz que é o Zé, atento ao que o circunda, não está para mais e manda às favas as mexeriquices que os pegueiros, armados de vocabulário político, andam para aí propagar.

Cada vez está mais convencido de que estão chegados os tempos de obras: é de obras que este País está carecido, mas de obras prestantes e úteis, sem a qual o parlamento nada vale, nem significa.

Para o caso lembrase de alguns exemplos passados em certos clubes de futebol, dos chamados «grandes», recheados de um farto plantel de jogadores, mas que por uma ou outra razão, ficavam no caminho de ambicionado título. É que os associados metiam-se de perreiro, e como dileitantes que eram, semeavam tal desentendimento que até a bola negaceava os rematadores.

Com a politiquice passa-se alguma coisa de semelhante: é que no meio desta barulheira até os mais atilados se deixam influenciar.

Bem diziam os antigos que a palavra era de prata e o silêncio de ouro.

O Zé não sabe bem qual é a cotação actual, mas supõe que por este andar pouco ou nada valerá, o que vem confirmar o ditado «não há fome que não dê em fartura», cuja acesa onde não há pão, todos falam e ninguém tem razão».

Por agora há superabundância de batata, pelo que dizem. Há muita batata em armazém que corre o risco de apodrecer...

Que fazem entretanto os responsáveis para incrementar o seu consumo?

A melhor maneira seria, pensa o Zé, em atrá-la para o mercado a baixo preço.

Enquanto isso se não verifica, as lamentações formam cortejo e o gorjulho, ou lá o que é, muito à sorrelha prepara-se para se empurrar.

Entre o palavrório, meloso ou verinoso, o Zé está pela batata. Que venha a batata, que sempre tem aplicação nas ementas frugais do Zé já que nem só de pão vive o homem.

Zé Ninguém

Actividade dos Bombeiros Municipais de Loulé em Janeiro

Durante o mês de Janeiro transacto, os Bombeiros Municipais de Loulé registaram a seguinte actividade:

Serviços de incêndio: 1 em Vilamoura e 1 (ajuda) em S. Braz de Alportel;

Serviços de automacar, tiveram 125 saídas para transporte de doentes e sinistrados, sendo 13 em acidentes de gravidade na estrada;

Possessuíram, como nos meses anteriores o transporte de água às escolas do Concelho.

Quarteira terá o seu Porto de Pesca

Uma boa notícia para a população de Quarteira.

Conforme declarou o Sr. Almirante Pereira D'Eça à R.T.P., durante as regatas de Carnaval em Vilamoura, a Marinha Portuguesa patrocina a construção do porto de pesca de Quarteira, estando os estudos em fase adiantada, havendo verba para tal fim destinada pela Lusotur, embora insuficiente. Mais informou aquele oficial general, que o Sr. Almirante Souto Cruz C.E.M.A., está pessoalmente interessado na resolução deste assunto. Teceu ainda considerações muito oportunas sobre a utilização da Marina pelos pescadores, sintetizando «que enquanto não estiver resolvido o problema do porto de pesca, pese embora o fim para que foi criada a Marina de Vilamoura, terá que haver compreensão de parte a parte».

Fazemos votos para que estas afirmações sejam em breve uma realidade.

CICLISMO Taça Aniversário

Comemorando a passagem do 19.º aniversário da sua fundação, a Associação de Ciclismo de Faro leva a cabo nos próximos dias 18 e 19, com partidas em Loulé, a realização de provas velocípedicas que comportam as seguintes categorias:

— Dia 18, às 15 horas, júniores e séniores B;

— Dia 19, às 9.30 horas, séniores A e séniores B.

As equipas concorrentes são as seguintes: Louletano, Campinense, Almodovar, Boavista e Tavira.

IV VOLTA AO ALGARVE EM BICICLETA (PRÉMIO CERVEJA MARINA)

Organizada pela Associação do Ciclismo de Faro a IV Volta ao Algarve em Bicicleta será disputada de 28 de Abril a 1 de Maio/78.

Dada a importância da referida prova, uma das mais importantes do calendário velocípedico nacional, a sua efectivação está a despertar interesse em todos os meios da modalidade no país.

A IV Volta ao Algarve em Bicicleta, além dos subsídios atribuídos por alguns organismos oficiais conta também com o patrocínio da Fábrica de Cerveja Marina.

Nem isto, nem aquilo...

Por LUÍS PEREIRA



E o Zé Povinho pulou nas ruas festejando os brincadeiras carnavalescas...

Sim! Porque o Zé não é mau, o Zé gosta da folia, da fraternidade, da tradição, e lá vai cantando e rindo enquanto não se esvaziam os bolsos.

Mas... o Zé sofre, vem para casa e pensa muita, chora com a família, olha os filinhos que tanto ama, e se soubesse escrever correctamente a sua língua, certamente enchia colunas de jornal de palavras duras e crueis que incomodam muito «boa gente» que sem quaisquer sentimentos adiam em resolver os problemas mais candentes que afligem o Zé. Este não faz barulho e vai gramando com todas as golpadas só porque teve a infelicidade de não se chamar Mário, Álvaro, Freitas ou outro nome do género. Sim! O Zé é incapaz de brincar às bombas, de assaltar farmácias para rebuscar todas as drogas existentes, de levar o dinheiro dos bancos do Estado, de gritar, na rua que o tal gajo é filho da mãe. O Zé quer sopas e descanso. O Zé não

quer balbúrdias desde que tenha uma côdea de pão na algibeira e cinco escudos para um medronho na taberna na mais rasca. Mas mesmo assim tanta gente a falar no Zé! Até em época de Carnaval o Zé Povinho anda na boca dos doutores da Assembleia que não o deixam sequer respirar fundo a alegria carnavalesca. Vejam bem, senhores leitores! Dizia alguém que nunca casaria com a Direita ou com a Esquerda, pois trair o Zé, isso nunca! Hoje assiste-se a casamentos tal qual como em épocas atrasadas. As pessoas casavam com os bens e não por amor. Exactamente o que acontece com os S. Pedros políticos. Eles namoram-se, casam-se, divorciam-se, separam-se, enfim, uma «salsada» tão grande que o Zé não entende, e mesmo assim, é ele que vai sempre pegando no véu da noiva. Então, oh! caras televisivas, não sabem que o Zé já é crescido para tal papel nestas cerimónias? Que raio de gente progressista que não comprehende que o Zé já tem idade de ser ouvido como gente grande. O Zé não pode continuar a servir de criado a Gregos e a Troianos, pois quer a sua independência, o seu bem-estar, paz e sossego. O Zé não é político mas sabe porque não fazem eleições já. A gente da partidaria reconhece que já enganou demasiado o Zé e sabe que a maioria dos Zés Ninguiens já não bota o voto, por teimosia, pois acredita em quem? Nos padres ou nos noivos? Ai, tanta confusão na cabeça do Zézinho! Tal qual os meus escritos que rasgo e não chego a pôr no jornal, pois às vezes com tanta estupidez que paira na cena política chego à mesma conclusão a que um tal Galvão já chegou há muito: «Mais vale burro que mal ensinado». Eu que sou jovem, que acredito no progresso, que luto pelo Bem, que tenho o meu Mal, que não me chamo Zé mas que sou Luís, tanto faz, não ignoro que para ir p'rá frente sem atropelos, refiro-me ao desenvolvimento do Zé, só com «lenha» naqueles que persistem em fazer do Zé uma bola de trapo ao serviço de equipas que nem na terceira divisão têm lugar.

Nem isto, nem aquilo...

O Zé tem toda a razão, o resto é conversa.

BRINCADEIRAS DE MAU GOSTO DESILUDIRAM OS TURISTAS

Com mágoa encontrámos visitantes do nosso Carnaval que manifestavam o seu desagrado e intenção de nunca mais voltarem, por terem sido maltratados durante as festas.

Os turistas que nos procuraram apenas pretendiam divertir-se, e não prejudicados ou gatados pelos naturais louletanos, ao serem alvo de brincadeiras de mau gosto, vexatórias e despropósito.

Moças e senhoras de todas as idades foram surpreendidas ao lhes serem esborrachadas as caras com guaches de várias cores. No entanto, a cena mais chocante que presenciamos foi a de um figurante de carro alegórico que enchiu a boca com água e, enquanto oferecia mão-a-mão um saquinho, cuspiu-toda na face da pessoa desprevenida.

Uma senhora idosa, de um grupo de estrangeiros, foi assim obsequiada com esta «deferéncia» estragando a maquilhagem e molhando parte da roupa com a água conspurcada da boca do pouco educado figurante que ria contente com a «piada», enquanto os outros não achavam graça nenhum.

Desconhecemos os autores destas e de outras ideias de brincadeiras de mau gosto, mas se a imaginação lhes falta para outras melhores, aconselhamos que desistam, se ainda quisermos salvaguardar os nossos futuros carnavales.

Que propaganda terão ido fazer para as suas terras aquelas que foram prejudicados ou presenciaram tais actos?

Quantas centenas de turistas desiludidos não mais voltarão?

C. M. C.

N. R. — O autor deste reparo foi um dos muitos visitantes que acorreram ao Carnaval de Loulé. Ficou naturalmente impressionado com alguns aspectos menos reverentes que

ai teve ocasião de testemunhar. Como opinião de um visitante importa ser auscultado e, se possível fôr, ponderada e tomada em consideração em casos futuros. Convém de facto preservar o Carnaval de Loulé o que certamente condiz com cortesia e bom acolhimento.



«ESTAMOS AQUI PARA IMPEDIR QUE O IMPERIALISMO VOLTE».

(Do Chicago Sun-Times)

CARIMBOS

Executam-se na
GRÁFICA LOULETANA

Rua Marechal Gomes da Costa
Teléf. 62536 — LOULÉ

DETENÇÃO DE DOIS INDIVÍDUOS POR FURTO

Em 27 de Janeiro de 1978, a P. S. P. de Tavira deteve Augusto Correia Salgado, residente em São Martinho da Arada — Ovar e Alistair Ewan Robertson, de nacionalidade inglesa e sem residência certa, por momentos antes, naquela cidade, tiveram furtado três pares de calças próprias para homem no valor de 2 000\$00, pertencentes a Joaquim José Alves, natural de Lisboa e ali residente.

Foram presentes no Tribunal Judicial local.